

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
DE LÍNGUA PORTUGUESA

CICERO DIONE BEZERRA DE SOUSA

ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS UMA GALINHA, DE
CLARICE LISPECTOR E O CAÇADOR DE BORBOLETAS, DE AGUALUSA.

PRESIDENTE DUTRA - MA

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
DE LÍNGUA PORTUGUESA

CICERO DIONE BEZERRA DE SOUSA

**ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS UMA GALINHA, DE
CLARICE LISPECTOR E O CAÇADOR DE BORBOLETAS, DE AGUALUSA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras e
Literatura de Língua Portuguesa da
Universidade Estadual do Maranhão, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Letras e Literatura de
Língua Portuguesa, sob orientação da
Prof. M.^a. Ane Beatriz.

PRESIDENTE DUTRA - MA

2021

Sousa, Cícero Dione Bezerra de.

Análise da figura feminina nos contos Uma Galinha, de Clarice Lispector e o Caçador de Borboleta, de Agualusa /Cícero Dione Bezerra de Sousa.– Presidente Dutra, MA, 2022.

43 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Ma. Ane Beatriz Duailibe.

1.Figura feminina. 2.Busca - Identidade. 3.Evolução social.I.Título.

CDU:82.091

Elaborado por Giselle Frazão Tavares- CRB 13/665

CICERO DIONE BEZERRA DE SOUSA

ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS UMA GALINHA, DE CLARICE LISPECTOR E O CAÇADOR DE BORBOLETAS, DE AGUALUSA.

.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras e Literatura de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 10/01/2022

BANCA EXAMINADORA:

Ane Beatriz dos Santos Duailibe(Orientadora)

Especialista em Docência do Ensino Superior
Universidade Estadual do Maranhão

Vanessa Cristina dos Santos Pereira (2º Examinador)

Especialista em Docência do Ensino Superior
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Esp. Antonia Karine do Nascimento Rosendo (3º Examinador)

Especialista em Literatura Contemporânea
Faculdade São Luís

Dedico este trabalho a Deus por ser meu refúgio e fortaleza socorro bem presente na angústia, e a minha família que pelo apoio e carinho e não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de fazer minha primeira graduação, agradeço aos meus pais Rubis-mar Ferreira de Sousa e Neci Bezerra de Sousa por ter dado todo apoio para chegar até aqui, agradeço meus familiares e a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente, e a minha orientadora M^a. Ane Beatriz por ter me dado todo amparo para realizar meu trabalho.

Em especial sou muitíssimo grato pela a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) por proporcionar a oportunidade ímpar de cursar letras a expandir novos horizontes. A minha companheira e amiga Jucimara Oliveira da Costa Sousa, por estar sempre ao meu lado, me incentivando a não desistir da caminhada acadêmica, e a minha amada filha Sofia Ketully, por ser meu combustível para continuar e compreender as várias horas que estiver ausente.

Agradeço a todos os colegas de classe pela união e simpatia de cada um, e não poderia deixar prestigiar aos meus amigos, companheiros, e irmãos de lutas: Acilon Sousa Alves, Jardson Mauro Pereira Moraes, Jose Fernando Rodrigues Santos, Wellington Luís de Carvalho Sousa, e em memória Adailton de Sousa Pimentel.

O que me preocupa não é o grito dos
maus, mas o silêncio dos bons.

Martin Luther King.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a figura feminina nas obras “a galinha”, de Clarice Lispector e “o caçador de borboletas” de Jose Eduardo Agualusa. É elencado através destes contos as mudanças ocorridas ao longo da história sobre a condição da mulher no século passado e a sua evolução social na era pós-moderna. Em “a galinha” a autora aborda a mulher como objeto de uso para o homem, sem voz, incapaz de realizar quaisquer afazeres que não seja doméstico, com valor somente para maternidade sendo inferior ao sexo masculino, dessa forma sua importância na sociedade está associada em obedecer a seu marido. No entanto, na obra “o caçador de borboletas” o autor nos mostra um outro ponto de vista a respeito do comportamento feminino. Agualusa deixa evidente em seu conto que a mulher pós-moderna não está atrelada à condição imposta sobre elas através de uma cultura machista que imperava por longas tradições durante anos, a feminilidade atual não aceita ser manipulada e buscam sua valorização exigindo seus direitos como cidadã. Dessa maneira, o problema da pesquisa nessa investigação é como é apresentado o papel feminino na sociedade dentro dos contos mencionados? E com base nos conteúdos, objetivos e metodologias aplicadas neste trabalho que resultaram em investigação bibliográfica na qual a partir da análise dos contos em seus diferentes episódios. Abordando ainda tópicos que tratam dos estilos literários de cada contista e a respeito da identidade feminina e a busca do eu. Diante dessa realidade, é possível afirmarmos a relevância da escrita de cada conto cujo a obra apresenta questionamento da condição imposta sobre o sexo feminino pela cultural patriarcal.

Palavras-Chave: Figura feminina. Busca pela identidade. Evolução social.

ABSTRACT

This work aims to analyze the female figure in the works "the chicken", by Clarice Lispector and "the butterfly hunter" by Jose Eduardo Agualusa. Through these stories, the changes that have taken place throughout history on the condition of women in the last century and their social evolution in the post-modern era are listed. In "the chicken" the author addresses the woman as an object of use for the man, without a voice, incapable of carrying out any non-domestic chores, with a value only for motherhood, being inferior to males, thus their importance in society is associated in obeying her husband. However, in the work "the butterfly hunter" the author shows us another point of view regarding female behavior. Agualusa makes it clear in her tale that postmodern women are not tied to the condition imposed on them by a sexist culture that reigned for long traditions for years, current femininity does not accept being manipulated and seek its valorization by demanding their rights as citizens. Thus, the research problem in this investigation is how is the female role in society presented in the aforementioned tales? And based on the contents, objectives and methodologies applied in this work, which resulted in a bibliographical investigation, based on the analysis of the stories in their different episodes. Also approaching topics that deal with the literary styles of each storyteller and about the female identity and the search for the self. Given this reality, it is possible to affirm the relevance of the writing of each short story whose work presents a questioning of the condition imposed on the female by the patriarchal culture.

Keywords: Female figure. Search for identity. Social evolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. CLARICE LISPECTOR: uma voz feminista em seus escritos	12
2.1 O estilo de Clarice Lispector	13
2.2 A mulher e a galinha no conto de Lispector.....	15
3. AGUALUSA, A BORBOLETA E A MULHER	17
3.1 O estilo de Agualusa.....	18
3.2 O Caçador de Borboletas e a representatividade feminina	20
4. OS PERFIS FEMININOS NOS CONTOS UMA GALINHA E O CAÇADOR DE BORBOLETAS	22
4.1 O perfil feminino no conto “uma galinha”	27
4.2 O perfil feminino no conto “o caçador de borboletas”	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos as mulheres foram consideradas como o sexo frágil, por causa desse pensamento que predominou em praticamente todas as sociedades ao longo da história, as mulheres passaram a ser inferiorizadas sendo destinadas somente ao lar e à maternidade sem perspectiva de participar do mercado de trabalho, como forma de responder e modificar esse conceito patriarcal do status “feminino”, as mulheres se envolveram em diversos movimentos que reivindicavam seu lugar na sociedade. Diante disso a literatura foi um fator decisivo para que suas vozes fossem ouvidas. Nessa concepção, inúmeros escritores, tantos brasileiros como de outras partes do mundo, entraram nessa luta em prol da valorização feminina. Um dos grandes nomes no Brasil é de Clarice Lispector, que sempre introduziu em seus escritos temas relacionados a mulher no contexto familiar. Já no continente africano quem mais se destacou foi o historiador angolano Agualusa, que sempre criticou a escravidão e a condição feminina de sua nação.

O presente trabalho trata-se de uma análise da figura feminina nos contos *uma galinha* da literata Clarice Lispector e o *caçador de borboletas* de Agualusa. A referida investigação discute o comportamento feminino sobre diferentes perspectivas ao longo do tempo, aspirando estabelecer uma forma padrão de como deve ser o tratamento da mulher no meio social. A partir de algumas considerações acerca do foco narrativo dos contos, faz-se uma comparação crítica da sociedade tradicional com a contemporânea, averiguando a figura feminina tendo em vista todo aspecto sociocultural.

A *galinha* faz parte de uma série de contos do livro *laços de família* (1973) de Clarice, uma alegoria à condição feminina que por anos vivem em submissão as ordens masculinas. Em contrapartida, o *caçador de borboletas* de Eduardo Agualusa aborda a temática feminina como um sexo forte, inteligente, que não aceita ser controlada por ideologias opressoras. Deste modo, o objetivo desse estudo é conhecer as características do perfil feminino através dos contos *uma galinha*, analisar a identidade da mulher, e a condição em sociedade, também mostra a evolução do seu perfil, principalmente no conto *o caçador de borboleta*, em que elas não estão atreladas ao machismo tradicional.

Para a elaboração desse trabalho foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e exploratório que objetivou analisar nos contos mencionados a perspectiva sobre o papel da mulher na sociedade.

Ao final, espera-se que este estudo possa trazer reflexões sobre os males que o patriarcado trouxe à sociedade em tolher os direitos das mulheres a quanto a revolução pela qual a sociedade pós-moderna atravessa a partir do rompimento com esses modelos autoritários e machistas descritos nos contos analisados.

2. CLARICE LISPECTOR: uma voz feminista em seus escritos

Um dos contos escolhidos para trabalhar pertencem a uma grande escritora da literatura era moderna Clarice Lispector. Nascida na Verânia em 10 de dezembro 1920 na cidade Tchetchenek, a menina ChayaPinkhasivnaLispector pertencente à família de judeus e foi obrigada a fugir da perseguição contra seu povo durante a guerra civil russa nos meados de 1920. Chegando em terra brasileira em 1921, devido os problemas familiares viveram em alguns lugares do Brasil como Recife, Maceió, até se estalar na capital do estado de Rio de Janeiro em 1922, onde oficializou o nome Clarice Lispector. A escritora, desde pequena mostrou ser versada em vários idiomas estudou francês, inglês, português e o hebraico língua de seus pais. Ingressou direito pela universidade federal do Rio, chegou a ser tradutora jornalista, contista, ensaísta, romancista e sua grande paixão escritora.

Na década de 40, Clarice casou-se com um influente diplomata Maury Gurgel Valente, que desse matrimônio nasceram 2 filhos, Pedro e Paulo, através do esposo teve a oportunidade de conhecer inúmeros países tais como Estados Unidos, Suíça, Inglaterra, Itália. Contudo, seu começo oficial no mundo da literatura aconteceu com a célebre publicação da obra de teor romancista intitulada como “coração selvagem” em 1943, causou espanto aos críticos literários da época com Álvaro Lins e Antônio Cândido.

Com isto, provou que se tornaria uma das principais vozes femininas da sua geração, se eternizando com seu aspecto inovador de escrita, que envolve temas: social metalinguístico, filosófico e existencial. Principais obras: o perto do coração selvagem (1942); o lustre (1946); a cidade sitiada (1949); Laços de Família (1960); A marca no escuro (1961); a língua estrangeira (1964); A paixão segundo G.H (1964); O mistério do coelho pensante (1967); A mulher que matou os peixes (1968); uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (1969); Felicidade clandestina (1971); Água viva (1973); As mediações da rosa (1973); Laços de famílias (1973); Via Crucis do corpo (1974); onde eu estivesse de noite (1974); Visão de esplendor (1975); A hora da estrela (1977). Depois de deixar um acervo literário enorme em toda sua carreira, a escritora veio a falecer em 9 de dezembro 1977, próximo aos 57 anos de idade na cidade maravilhosa, vítima de câncer.

2.10 estilo de Clarice Lispector

Clarice é considerada um ícone da grande geração 45, e uma das principais escritoras da literatura contemporânea, logo na estreia de sua primeira literatura em 1944 causou admiração e espanto dentro da comunidade acadêmica, considerada introspectiva e intimista no seu estilo despertou críticos literários como Álvaro Lins e Antônio Cândido entre outros.

Romances, porém, não se fazem somente com um personagem e pedaços de romances, romances mutilados e incompletos, são os dois livros publicados pela Sra. Clarice Lispector, transmitindo ambas nas últimas páginas a sensação de que XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil alguma coisa essencial deixou de ser captada ou dominada pela autora no processo da arte de ficção (LINS, 1963 p. 192).

Com um estilo inovador ela coloca na literatura brasileira novas tendências, técnicas de expressão, exigindo assim uma avaliação criteriosa, diferente do estilo tradicional do texto, narrativos como romances, novelas, contos, Lispector quebra sucessão de começo, meio e fim dentro da ordem cronológica, coordena constante a poesia e a prosa fazendo uso de imagens, símbolos, metáforas, paradoxos e outras figuras de linguagem como comenta Candido.

Teve verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é perto do Coração Selvagem, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecidas para mim ponto com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua ancestral a domínio poucos explorados, forçando - a adaptar -se a um pensamento cheio de mistério para qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva mas instrumento real do Espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns labirintos mais retorcidas da mente [...] p 127). Clarice Lispector nos deu um romance de tom mais ou mesmo raro em nossa literatura moderna [...] dentro de nossa literatura é performasse da melhor qualidade. (CANDIDO, 1979, p 131)

Outro estilo marcante em suas obras foi a inovação da prosa com fluxo de consciência que trata-se de uma tentativa mais energético do que a introspecção psicológica, indo além das práticas elevadas por escritores desde o realismo.

Mas isso é excelente! Que sobriedade, que penetração, e ao mesmo tempo, apesar do estilo nu, que riqueza psicológica! Leio ainda alguns trechos numa espécie de teste e resolvo começar. O primeiro capítulo confirma as impressões anteriores, e sigo lendo, sem parar mais, tomado por um interesse que não decai, que encontra novas vitaminas nas constantes observações profundas, cristalinas e duras de Joana, na sua capacidade introspectiva, na coragem simples com que compreende e expõe a trágica e

rica aventura da solidão humana. Clarice Lispector tem o dom de dar as palavras, uma vida própria. Ela as cria, nesse sentido de emprestar-lhes um conteúdo novo, inesperado. (MILLIET, 1981, p. 28).

Enquanto o conceito tradicional da introspecção psicológica procurava desvendar a mente dos personagens de forma clara, com limites determinados o leitor tem completo domínio da situação e desses espaços temporais, tornando os seus escritos verossímeis através do fluxo de consciência onde passado e presente desejam se misturar cruzando aleatoriamente os planos narrativos, não estando atrelado a uma lógica ou ordem de narrativa. Apesar de ser algo novo na literatura brasileira essas formas de escrever já pairavam fora do país pelos escritores James, Joyce e Mauriac, mas foi com Lispector que alimentou a ideia no Brasil.

Não receou afirmar, em 1943, quando foi publicado *Perto do coração selvagem*, que “o livro da Sra. Clarice Lispector é a primeira experiência definida que se faz no Brasil do moderno romance lírico, do romance que se acha dentro da tradição de um Joyce ou de uma Virginia Woolf.” LINS (1963, p.193).

Por ser original e audaciosa em suas obras, de talento único, seu novo estilo implantado na literatura alcançou outros horizontes. É notável que perfis femininos e universalismos rotulou como uma marca encoberta em seus romances e contos, embora não admitir que era uma escritora de cunho feminista, contudo suas produções tem como personagem principal a mulher em seu ambiente familiar e social, também aborda em seus escritos a falsidade das relações humanas, e a predominância da cultura machista na época, esvaziamento das relações familiares e a própria forma de se comunicar, a busca pelo eu nas suas personagens mostra o interior de cada um. Como a mesma relata.

como chamar outros modos aquilo horrível e cruz matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu receava dentro de mim em manusear seco, eu caindo século e séculos dentro da lama era lama, ainda úmida e viria um lugar onde remexiam com lentidão insuportável as raízes da minha identidade (LISPECTOR, 1964, p 58).

Rosenblum (2002) com um perfil analítico faz observações do estilo de Clarice em relação à ótica feminina.

Essa dupla face da obra clariceana a temática existencial, filosófica ou metafísica sobretudo (mas não só) pela condição histórica da mulher e

suacaracterística predominante. A realidade e a linguagem, assim como o viver e o escrever, caminham inexoravelmente juntos na obra da autora, mesmo que os textos se inclinem ora a um ora a outro polo mais provavelmente (ROSENBAUM, 2002 p 87).

Para a pesquisadora e doutora em comunicação semiótica Olga de Sá (1979) comenta que a senhora Clarice Lispector consegue dividir seus escritos em duas partes, a primeira forma; “entranhadas” (textos comerciais, de encomendas e o segundo, textos que retrata as angústias e as introspecções do universo feminino). Portanto estilo clariceano esse ano trata de diversos aspectos como condição feminina à descoberta do eu universalismo inovação da prosa fluxo da consciência fazendo com que a linguagem assume uma função libertária esta maneira se eterniza ao lado de grandes nomes como Lygia Fagundes Telles Graciliano Ramos Guimarães Rosa entre outros.

Clarice foi reconhecida por muitos críticos e escritores contemporâneo como Antônio Candido, Alfonso Romário e Santana e Benedito Nunes um dos seus principais estudiosos. Além deles temos outros teóricos e escritores que construíram um trabalho significativo sobre a obra dessa escritora (BENJAMIM MOSER, 2010, p.52).

Deste modo, sua relevância foi notada por diferentes escritores e crítico da literatura brasileira, marcando sua presença no cenário acadêmico que até então existia poucas escritoras com um novo estilo.

2.2A mulher e a galinha no conto de Lispector

O conto “a galinha” de Clarice Lispector está incluso em seu celebre livro laços de família, publicado pela Editora Sabiá, em 1973. Com uma linguagem simples, é destacado como uma produção que ultrapassa barreiras sociais, a escritora nos apresentar no enredo, uma cena familiar de domingo, onde a galinha seria o prato predileto naquela ocasião, com aparência calma, e tranquila como de costume de sua natureza, surpreende a todos com um voo inesperado, sua fuga na tentativa de sobreviver, sobe e desce telhados dos vizinhos, apesar de todo esforço a pobre ave é capturada. Para o espanto de toda família, a ingênua e dócil galinha coloca um ovo, que para sua sorte o ancião da casa desiste de sacrificá-la.

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da

cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio (LISPECTOR, 1961, p.31).

Devido tal evento ela passa a ser tratada como parte do lar, recebe carinho, atenção, o dono da casa começa a ver com bons olhos, passando a ser valorizada. No entanto depois que sucede alguns dias, resolve então novamente comer-lhe como era previsto desde seu nascimento. Em relação a este conto a própria literata deixou bem salientado aos seus admiradores no jornal Brasil, o enredo de cada criação de sua obra em 11 de outubro de 1969, diz que despeito de sua pretensão em escrever uma crônica acabou um conto.

Portanto, deve ressaltar que segundo Clarice Lispector em 1970, pg.239 “Este conto foi escrito cerca de meia hora, haviam me encomendado uma crônica, eu estava tentando sem tentar propriamente, e terminei, terminei não entregando; até que um dia notei aquela estória inteiramente redonda”.

A autora de forma perspicaz leva os leitores a entender com inúmeros fragmentos de seu conto faz uma alegoria a condição feminina no século passado, mostrando que assim como a galinha a mulher estava destinada ao lar e a maternidade, e por mais que tentasse fugir, não iria conseguir, pois nem mesmos os seus semelhantes iriam lhe apoiar, a sociedade só conseguiria ver seu valor através de um filho, e a característica materna já lhe era próprio da sua natureza. Porém, com os anos o fato de ser mãe se tornaria comum, assim como as outras mulheres que mais uma vez tornaria a seu lugar de esquecimento.

Baseado no enredo é possível entender quer a obra tratará de severas críticas, a respeito da condição da mulher na época, onde sua importância se dava na maternidade. Desse modo ela chama atenção sobre a desigualdade social, injustiças sofridas pelo sexo feminino, elenca em sua narrativa os abusos cometidos ao longo dos anos, a falta de direitos, a predominância da cultura machista como superioridade, e o aprisionamento tradicional, são temas relevantes que a erudita sinaliza sorrateiramente em sua literatura. Assim salienta a busca pela identidade da mulher e a descoberta do “eu” na esfera da sociedade, articula também seu espaço e passa a lutar pelo seu valor como mulher.

3. AGUALUSA, A BARBOLETA E A MULHER

Outro conto escolhido para o trabalho é o do escritor do continente africano, nascido na cidade de Huambo em Angola em 13 de dezembro 1960, José Eduardo Agualusa Alves da Cunha de ascendência brasileira e portuguesa, tem se tornado um dos renomados nomes da literatura africana na contemporaneidade. Vindo de uma família abastada, é neto de Joaquim Fernando Agualusa da qual constitui o nome artístico formado em agronomia e também silvicultura pelo (Instituto Superior de Agronomia em Lisboa) tem colaborado de forma relevante para jornais portugueses ganhador de diversas premiações literárias: Revelação Sonangol em 1989, rende primeiro de conto Camilo Castelo Branco(1999); grande prêmio Gulbenkian de literatura para crianças e jovens em 2002, Ordem do mérito cultural em 2009; prêmio Fernando Namora (2013); prêmio literário Internacional IMPAC de Dublin 2018.

José Eduardo Agualusa é contista cronista, romancista, e autor de literatura infantil é um escritor profissional é membro da reunião de escritores angolanos suas obras são: a conjura romance (1989); D Nicolau Água Rosada e outras histórias verdadeiras inverosímeis (contos,1990); o coração dos bosques poesia (1991); a feira dos assombrados (novela,1992); Estação das chuvas (romance, 1997); contos nação crioula romance 1997 (contos para viajar 1999) um estranho em Goa (romance 2000) estranhões e bizarros (literatura infantil.,2000); o Homem que parecia um domingo (contos,2002); O Ano em que Zumbi tomou o rio (romances, 2001); o catálogo de sombras (contos 2003); o vendedor de passados (romance 2004); Manual prático de levitação (conto; 2005) A garrafa que comia estrelas (novela, 2005); Passageiros em trânsito (contos 2006); O filho do vento novela (2006); as mulheres do meu pai (romance 2007); Na rota dos especiarias (guia, 2008); O meu filho quer ser vampiro(ficção 2008);Barroco tropical (romance 2009); milagre pessoal (romance 2010); Nwete e o mar exercícios para sonhar (sereias um infantil 2011); Teoria do Esquecimento romance (2012); a Educação Sentimental dos Prazeres (romances 2012) a vida no céu (romance 2013) a Rainha Ginga (romance 2014) o livro dos Camaleões (conto 2015) A sociedade dos sonhadores Involuntários (romance 2017); O Paraíso e outros infernos (Crônica 2018); Outras gerações (peça de teatro montada em Portugal em 2004) Chovem amores da rua do matador (peça de teatral) escrita juntamente com Mia Couto estreado em Portugal em 2007; Aquela mulher (texto para monólogo teatral) Estrelado por Marília Gabriela e direção de Antônio Fagundes

montada em São Paulo, Brasil 2008, Rio de Janeiro, Brasil em 2009, Lisboa africana (reportagem em 1993) Com o jornalista Fernando Semeado.

3.1 O Estilo de Agualusa

Eduardo Agualusa é um fluente escritor contemporâneo em seu país, versátil e diletante, seu estilo literário abrange uma gama de conteúdos, dentre eles: romances, contos, teatros, novelas, poemas, literaturas infanto-juvenis, antologia, crônicas, livros de fotografias e reportagem. Apesar de suas obras terem uma linguagem simples, ele utiliza para denúncia as mazelas da sociedade angolana, como, xenofobia, racismo, destaca a busca da identidade do seu povo, revela em seus escritos a injustiça sofrida pelos africanos sobre o domínio dos portugueses. Portanto reproduz em seu pensamento a valorização da negritude, a riqueza de sua cultura, elenca também a pós-guerra civil em sua nação. Pode-se dizer que em suas obras deixa a linguagem mais livre, com isto torna possível ter uma visão ampla de como foi a escravidão daquele povo no século passado, leva seus leitores de forma sutil a entender o retrato da miserabilidade social que aconteceu em grande parte daquela região, como ele comenta.

Eu acho que a história é fundamental para conhecer o presente, quer dizer, o fato de só conseguirmos explicar o presente através do passado é para mim foi muito assim, quer dizer eu fui tentar escrever um romance histórico para compreender o passado me dá um conhecimento das forças sociais e das formas como as dinâmicas do século XVII, XVIII e XIX influenciaram as dinâmicas dos séculos XX e XXI. Quer dizer o que me interessa no passado é aquilo que me permite compreender o meu presente. Mas não, não, eu nunca a intenção de debater o ofício de historiador, na verdade acho que esses personagens estavam aliados a esta formação, um pouco que breve silêncio. (AGUALUSA, 2017, p. 27).

Contudo, para Agualusa sua literatura é uma instância de mediação entre o passado e o presente, o real e o imaginário, refletindo como um espelho para realidade. Pois foram através de seus escritos que o país angolano se revelou para o mundo de uma outra maneira, como enfatiza Maria Tereza Salgado. Esta narrativa, além de representar a voz dos que foram silenciados pela história mostram, sobretudo, a relatividade de toda história e não apenas história oficial (SALGADO, 2006, p.180).

Outro estilo impregnado em suas obras é a utopia, nela fica fácil expor seus pensamentos, exemplo disso é o romance “A conjura” em 2009, no enredo sua finalidade não estar em resolver os problemas, mas revelar um passado sombrio do seu povo e de como esse passado afeta sua personalidade atual, agrega lembranças que estava apagada, sonhos que foram roubados, o literato consegue denunciar lamentação dos angolanos, ele faz uma varredura na história envolvendo a ficção e o real.

Jose Eduardo Agualusa em lugar de se colocar, problemas com os quais os críticos se enrodilham preocupando resposta para questão que os levaram (ab)usa da liberdade da ficção da história para (re)fazer alguns períodos da história, subvertendo ou menor, não seguindo aos trilhos da historiografia oficial. (PESTANA.2006 IN: CHAVE, 2006, p.232)

O escritor busca em seu estilo o sentimento que fluir do tempo, e o amargo das coisas, desta maneira situar em seus livros sátiras bem interessantes para conscientizar os dramas sofridos pela sociedade, como foi salientado várias vezes em seus livros. A Pós-guerra civil, em sua terra também serviu de expiração para sua obra “o vendedor de passados”, retratado de uma forma divertida, mostra situações do dia a dia do povo, como faz questão de destacar seu pensamento em uma entrevista.

Eu acredito que a literatura tem, e sempre teve a capacidade de transformar o mundo e de melhorar o mundo. E dou sempre o exemplo de Angola, porque no caso de Angola o movimento de independência, o movimento nacionalista, que cominou na independência do país foi precedido e foi preparado um movimento cultural, por um movimento literário, então começou através da poesia, nasceu primeira na poesia e depois de origem ao movimento político que conseguiu a independência de Angola. (AGUALUSA, 2017, p. 39).

Vale ressaltar que um dos elementos relevantes em sua literatura é a variedade, engloba diversos tipos de textos, pode-se dizer que os seus romances dividem em duas partes, o primeiro sendo literatura engajada e o segundo a fantástica. Pois deve se destacar que ele consegue coadunar em seus escritos elementos tradicionais e ao mesmo tempo, componentes modernos como faz questões em mencionar. Em seus escritos afirma “Eu penso que a força e a originalidade de um genuíno romance angolano só se poderão conseguir através de sabiá mistura entre o imaginário e a realidade, porque é assim que nós somos”. (AGUALUSA, 2017, p. 42).

Deste modo, o literato possibilita uma riqueza estilística, pois concitar em misturas situações corriqueiras com ficcional, mais do que isto, elenca em suas realizações a produção de personagens redondas. Com isto, é capaz de contrariar situações entre o bem e o mal, reafirmando em seus personagens um meio termo. Valorizar também em suas construções multifaces ilustrado nas narrativas. Portanto, o eixo estilístico das suas criações está voltado para dinâmica da reviravolta. O próprio autor comenta, Agualusa (2017) também eu crio enredos, invento personagens, mas de vez de os deixar de um livro, atiro-os a realidade.

Vale ressaltar que todos os escritos dele mesclam principalmente nos romances um teor político, revelando através de seus personagens a violência causada pelo conflito gerado pela elite. Também reafirma a cultura africana e o seu idioma de maneira sofisticada e a valorização da mulher, tanto o conto o caçador de borboletas, como o conto uma galinha irá tratar da figura feminina em busca de seus direitos, porém em períodos diferentes, cada escritor a seu modo irá trazer a literatura como objeto de denúncia, explicitando a relação entre a mulher e a sociedade em cada época.

3.20 Caçador de Borboletase a representatividade feminina

O conto caçador de borboletas do historiográfico José Eduardo Agualusa faz parte de uma coletânea de obras infantis juvenis no livro “Estranhões e Bizarros” escrito especificamente para seus filhos. Contudo foi publicado pela editora Dom Quixote em 2000, a literatura contém uma linguagem bem acessível para os leitores, nela o contista narra a história de um garoto chamado Vladimir que recebeu alguns presentes de natal, dentre esses inúmeros brindes, um prendeu atenção do menino, um kit para caçar borboletas, incluso no equipamento estava, uma caixa de madeira, um frasco de vidro, algodão, alfinete, etc.

Entusiasmado com a ideia de ser um caçador, no dia seguinte vai a caça dos artrópodes, de imediato captura muitas, todavia uma delas encanta o rapaz, pois era a mais bela dentre todas que ele tinha visto, admirado com sua beleza à prender em sua caixinha, contudo, ela o convence para que o solte, afinal argumenta que já era dele, que não nasceu para ser aprisionada, o menino, impressionado com

a sutileza e audácia do inseto, deixa livre, dessa maneira o garoto volta para sua casa com a sensação de dever cumprido.

Apesar dessa literatura estar voltada para adolescentes, o autor consegue abordar temas relevantes dentro da sociedade, leva seus leitores a refletir sobre assuntos atuais, como, liberdade, identidade feminina, papel da mulher no contexto social, preconceito, discriminação, dentre outros. Sua capacidade de interagir com o público através de seus livros tem feito dele um dos mais notáveis escritores africano na contemporaneidade, pois em suas obras consegue prender a atenção de seus leitores de forma natural fazendo-os refletir sobre a realidade que os cercam.

4. OS PERFIS FEMININOS NOS CONTOS UMA GALINHA E O CAÇADOR DE BORBOLETAS

A palavra identidade tem origem do latim, é uma junção de um adjetivo mais um sufixo "idem" que significa (mesmo), e "dade" indicar (estado), portanto seu sentido é definido como qualidade do que é idêntico. No entanto quando se fala em identidade feminina, nada mais é que a descoberta do "eu" no meio social, filosófico, ideológico. Neste sentido a sociedade é que vai definir um indivíduo por meios de costumes, crenças, usos e tradições. A ensaísta Anésia Pacheco Chaves (2001) comenta. que a sociedade é um sistema bem-organizado que abrangem toda sua existência: política, religião, conceito de beleza, economia, costume, corpo, saúde, dor(...) e até a morte.

"a identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume sua identidade diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nos há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas". (HALL, 1999, p.13).

O comportamento feminino tem sido analisado sobre diferente perspectiva ao longo dos anos aspirando estabelecer uma forma padrão de como deve ser a conduta da mulher no meio social, esta condição no que diz a respeito à sua identidade pode ser vista de vários aspectos: desde a família, a vida pessoal. É sabido que no Brasil colonial elas não tinham direito a receber salário pelo serviço prestado a sociedade, não poderia votar, nem se candidatar a nenhum cargo do governo, frequentar escolas estava fora de cogitação, não possuía liberdade sexual para escolher seu cônjuge, nem se divorciar. Este era o conceito que todos tinham em relação a elas, como, dona de casa, boa esposa, boa mãe, entre outras qualificações dadas pelo patriarcado. Nota-se que mesmo depois de ter conquistado seu lugar na sociedade atual, ainda sofrem preconceitos e discriminação.

As mulheres são naturalmente mais fracas apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública(...) as mulheres devem ser educadas para agradar os homens e serem mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que masculino e, ao mesmo tempo, impedir a lascívia dos homens. A sedução é própria de sua natureza; elas são desejosas de agradar, modesta, tolerantes da injustiça, ardilosas, vãs, e de artísticas em grau menor. Na família, os homens devem governar essas frívolas criaturas. (NYE, 1995, p.20)

Vale ressaltar que sua identidade é marcada por lutas e opressões, que durante muito tempo o seu espaço era reservado apenas o “lar”. A busca da descoberta do ser feminino, levaram a criarem movimentos feministas com intuito de reivindicar seus direitos e sua visibilidade na esfera social, como: na literatura, na política, no mercado de trabalho, e na religião. Comenta Michelle Perrot (2007) de como eram vista pele sociedade.

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em famílias, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas, sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. Sua aparição em grupo causa medo e desordem. (PERROT, 2007, p. 17)

Contudo percebe-se que alguns pretextos primordiais para contrariar a presença da mulher longe dos afazeres domésticos está atrelado ao mito de sua inferioridade psique, pois acreditava que o cerebro delas eram menores, do que o do masculino, por esta razão deveria submeter a ordem imposta do homem. Mas a ciência provou que tal afirmação não passava de discriminação, e opressão aos poucos suas vozes foram ouvidas como relata Marlene Albuquerque.

Uma mudança no estado de letargia em que a mulher se encontrava começava a muda em todo o mundo a partir do século XIX. Por exemplo, nos Estados Unidos e na Europa, mulheres organizaram vários movimentos reivindicando seus direitos políticos e sociais, esses movimentos repercutiram entre as mulheres brasileiras. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 18).

É notório que a dominação masculina esta tradicionalmente impregnada na sociedade como macho dominante, e que a mulher tinha serventia apenas para fertilidade. Contudo este conceito vai perdendo força ao longo das décadas, esta violência simbólica imposta sobre elas feri sua dignidade.

Para Bordieu (1989, p.07-08) este conceito de violência simbólica é tributário da noção de poder simbólico, cujo é definido como poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que exercem.

(...) Sempre vi a dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desde submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave,

insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2003, p.09).

Nestas condições o silenciamento exercido nelas era uma forma de domínio. Sendo assim, o meio de escape foi de início a literatura, que era usada para impor seus pensamentos ideológicos. Ainda na metade do século XX, as produções feitas por mulheres começaram a se destacar, por oferecer amplo ambiente de reflexões sobre conteúdo e variedade e as diversidades proporcionais no ambiente feminino, buscando a papel social da importância de sua imagem.

É sabido que, as primeiras manifestações de libertação feminina ocorreram de forma concernente no início da literatura do século XX. Abrigando no imaginário, nos sonhos, à espera do momento preciso para encaixar-se no universo feminino. Esse momento não significa simplesmente uma violação das leis que como uma barreira impediam o seu caminhar e a sua liberdade na produção artística, e assim, uma terra fértil, ampla, onde podia caminhar livremente, tendo a palavra como ferramenta principal de libertação e liberação do seu mundo feminino. (FREITAS,2002, p. 44).

Com o desenrolar dos anos, elas vão ganhando seu espaço sutilmente, já no início das décadas 60 e 70 a maior parte dessas tendencias entra em cena, vale lembrar que a imprensa na época foi um fator primordial para esse feito, da evolução histórica da consciência, pensamentos e a escrita feminina.

Consequentemente compreende-se a importância da literatura de autoria feminina, alcançar um espaço tão amplo. O gênero feminino soube expressar-se de acordo como ponto de vistas das mulheres, expressando seus sentimentos como um sujeito de representações próprias, tendo sempre um olhar voltado para um futuro de liberdade e diferença (LOBO,2015, p. 65).

Essa luta para conquistar uma nova imagem no mundo não foi tão fácil, é o resultado peleja, das regras, das normas vividas pelas mulheres em submissão ao homem, ao longo dos anos vivendo sob o jugo e humilhação decorrente um sistema patriarcal que já existia desde período colonial.

Embora, com toda opressão, a literatura feminina foi se desenrolando ainda no início do período colonial, mesmo não havendo registro sobre tal assunto, devido ao desprezo e rigidez por parte da igreja católica, a escrita feminina já aparecia nas anotações, livros de receitas, diário e outros. (GOTLIB,2005, p. 52).

Como o aumento de publicações literárias de teor feminino, foi ganhando espaço, elas foram tendo notoriedade, em 1870 já havia grande número nas revistas e nos jornais da época pensamentos de feição feminina, no ano de 1934 a assembleia constituinte contemplou a presença de duas mulheres, com a continuidade desses eventos foi garantido seu lugar na academia brasileira de letras, no congresso, e no estado.

“Para se pensar em uma esfera política igualitária é importante pensar no acesso a essa esfera pública, caso contrário, as desigualdades e discriminações existentes na sociedade vão funcionar como impedimentos invisíveis e a dificuldade de participação pode ser percebida como um atributo das mulheres. Isto é, a desigualdade social perversamente se transforma em um déficit do sujeito” (AVILLA,2001, p.16).

Sendo assim, a construção da imagem feminina referente à sua identidade se dá ao movimento feminista que segundo Hall (2001, p.10), elenca-se três concepções, sendo a primeira com características do iluminismo, voltadas à centralização do indivíduo na razão, a segunda elenca a identificação do sujeito na sociologia, já o terceiro refere-se ao homem pós-moderno. Para umas das patriotas destes movimentos na era iluminista Mary Wollstonecraft (1791, p.40) comenta que os homens viam as mulheres como crianças, com isto foi preciso usar a razão para mudar este conceito primitivo. No entanto com a revolução emancipada por elas obtiveram a incorporação no meio do mercado social. Para Engels sua participação no trabalho social é de suma relevância para sua personalidade.

A emancipação da mulher e sua equiparação ao homem são e continuarão sendo impossível, enquanto ela permanecer excluída do trabalho produtivo social e confinada ao trabalho doméstico, que é um trabalho privado. A emancipação da mulher só se torna possível quando ela participar em grande escala, em escala social, da produção, e quando o trabalho doméstico lhe toma apenas um tempo insignificante (ENGELS,1974, p. 182)

No Brasil na década de 30 as mulheres ganharam o direito do voto sendo um grande avanço para adentrar na política do país, este feito igualitário vai tornando cada vez mais visível sua identidade, contudo era baixa sua participação e reconhecimento no governo como expressa Ávila (2001, p.11):

“Entre o reconhecimento das mulheres como sujeitos da democratização do regime político no Brasil e a democratização da participação política nas esferas de poder, com a inclusão real das mulheres, há uma grande diferença”. (ÁVILA,2001, p.11).

Tendo em vista a participação em número pequeno no parlamento, foram iniciados campanhas e cursos com capacitação para aquelas que tinham afinidade na esfera política, na atualidade segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE,2010), as mulheres ocupam cerca de 8,8% no senado brasileiro e 12,3% na câmara dos deputados, considerando um avanço exorbitante na política e firmando de vez sua capacidade de exercer qualquer cargo público ou privado.

Desenvolveram-se, historicamente, informando e respondendo à necessidade econômica de ter as mulheres servindo como administradoras dos afazeres domésticos e os homens trabalhando fora de casa, e pelo desejo político de ter homens trabalhando fora de casa, e pelo desejo político de ter homens proprietários voltando a democracias participativas. As características generalizadas-comportamentos, interesses ou valores tipicamente masculino ou feminino-não são inatas, nem tampouco arbitrarias. Elas são formadas por circunstâncias históricas. Elas também podem mudar com as circunstâncias históricas. (SCHIEBINGER, op.Cit., p.145).

Por outro lado, percebe-se que a conquista delas estava limitada apenas aquelas que continham um poder aquisitivo elevado, as classes inferiores ainda não desfrutavam desse privilégio concedido, as mulheres negras e de origem indígenas continuavam fora desses privilégios, sendo que, foram as mais afetada em todo período da história humana. Portanto a imagem de igualdade e equidade entre elas precisava ser resolvida, e o caminho mais seguro é a escolarização e a conscientização, reivindicações dos direitos a todos como prevista na constituição brasileira no artigo quinto e no inciso primeiro colocado em 05 de outubro de 1988.

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo -se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I- homens e mulheres são todos iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição. (BRASIL,1988,Art,5).

Como a própria constituição passou a garantir no finalzinho da década de 80, todas as mulheres, independente de raça, cor, título, ou crença religiosa ou ideológicas tem o mesmo direito e liberdade prevista pela lei. Com a cidadania plena e emancipação conquistada através de lutas, revoluções e manifestos alcançaram sua identidade. Diferente da atualidade, no século passado existia ainda muita restriçãocom às mulheres em relação ao mercado financeiro e político da época, pois a hostilidade da igreja católica em conjunto com conservadores contribuiu suspender

os grupos feminista. Desde o seu início no século XVIII ao clímax do século XX, onde foi considerado por muitos sociólogos e críticos literários como o século das mulheres. Porém vale lembrar que nem todas suas requisições foram atendidas de imediato, mas é inegável que os movimentos pelos direitos iguais modificaram a forma de ver o sexo feminino.

4.1 O perfil feminino no conto “uma galinha”

É notório que Clarice Lispector tem sido uma grande escritora, talentosa e enigmática, suas produções têm feito de si uma diletante artista literária. Em seus escritos é capaz de provocar reflexões sobre o indivíduo no meio em que viver, partindo de uma narrativa totalmente diferenciada do que os leitores estavam acostumados, despertar o público com um novo estilo, oferece-nos temas relevantes para se pensar na sociedade. Como ela mesma comenta a respeito de suas obras.

Não sei classificar a minha obra. Em cada livro eu renasço, experimento o gosto do novo. Não, eu nunca soube que era responsável pela renovação da literatura brasileira, se isto aconteceu foi involuntariamente, sem programação. (BASTOS, 2008, p.50).

No entanto, o novo em suas obras tinha uma finalidade, revelar ao mundo as injustiças, e privações que as mulheres sofriam na sociedade tradicional, sua inferioridade diante o sexo masculino, e negações de direitos fizeram de sua literatura temas principais, acreditava que tal situação vivenciada por elas, só resolveria com o conhecimento pleno e a propagação da realidade. Com isto passou expor seus sentimentos em contos, poemas, romances, entre outros

Um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há de temer, que tudo o que for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia. Eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! (LISPECTOR, apud Bastos, 2008, p. 52).

Portanto a senhora Lispector se destacou no meio acadêmico não apenas como uma excelente produtora de contos ou romances, mais também como uma ativista literária, mesmo nunca se considerar uma das tais, no entanto fica evidente para os críticos sua postura, como menciona Helena (2010):

No texto de *Lispector*, a escrita só ultrapassa o limite que a retém como mimeses da representação e texto legível (no sentido de Barthes), ao convoca outra cena, inaugural e transgressora, a da mimesis como produção da alteridade e não da semelhança-de que a placenta, o espelho e a alquimia são alegorias. Essas convocações é o grande achado de fiandeira de achados e perdidos, o achado que lhe permite dialogar com o lugar pronto da inscrição do sujeito na cultura ocidental- o lugar do “masculino” - e assim, fazer de sua obra um modo belíssimo de provocar emergência do feminino como sujeito da história. (HELENA,2010, p. 88).

O conto “uma galinha” da literata Clarice é uma alegoria da condição feminina no século passado, ironizando uma espécie de fábula, a escritora se volta inúmeras vezes para mulher desprovida de quaisquer direitos sociais na época, que durante anos é tratada como objeto de satisfação do homem, estando em uma situação obscura e insignificante, nesta circunstância sua única utilidade são os afazeres domésticos e cuidar dos filhos com afirma Bourdieu.

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-Ritualratifica e ampla, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo universo, não é mais que a dissimetria fundamenta, a do sujeito e a do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado patrimonial, que estão na base de toda ordem social: as mulheres só podem ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolo cujo sentido se contribui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens (BOURDIEU, 2000,p. 55)

A autora de forma perspicaz leva os leitores a entender com inúmeros fragmentos de sua produção de como era enxergado o sexo feminino, sendo discriminada e oprimida, a sua desvalorização era tida como normal, não só no Brasil, mas em diversos países naquele período. (CHIAPPINI,1996, p.70) quer dizer, uma representação da mulher limitada à rotina doméstica e alienada de si mesma, como mostra no texto.

Estupida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas vísceras que fazia dela ser? A galinha é ser. É verdade que se poderia contar com nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgia outra no mesmo instante igual como se fora a mesma. (LISPECTOR,1961, p.32).

Esta era a visão que predominava na sociedade tradicional, enxergava a mulher como um ser frágil, débil, incapaz, com valores apenas reprodutivo, abusada

e explorada pela cultura impregnada no absolutismo machista. Vale ressaltar mesmo aquelas mulheres pertencentes a nobreza, contudo continuava exercendo a função procriadora e auxiliadora. No entanto procriar exercia certa valorização para o contexto da época, esta função elencava status e superioridade ao pai da família. Como fica evidente no fragmento do conto.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematura. Mas logo depois, nascida que fora a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno, num prato, solejava e abaixava as pernas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer nosso bem! (LISPECTOR, 1961, p. 33).

Na literatura feita pela contista trata de uma interpretação respeito dos papéis masculino e feminino na sociedade, nota-se que o narrador despertar o leitor refletir sobre a diferença entre o homem e a mulher era enorme, como nos mostra parte dos textos: “não era vitoriosa como o galo”, nem “contava consigo como o galo crê em sua crista” Lispector, (1961). Com isto ela soube revela a hipocrisia social, deixando evidente os dramas e as angústias sofridas por elas. Salientou que “os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão dos indivíduos”.

Poucas vozes ecoaram em prol dos direitos da mulher. Mas, o século XX tem sido marcado pela luta da mulher por seus direitos, as transformações sociais e o surgimento de movimentos de defesa da classe feminina fizeram crescer a consciência das desigualdades e discriminações contra elas. (ROCHA COUTINHO, 1994, p. 23).

Não são poucos os críticos literários que se sentiram atraído pelas produções da escritora, e de como abordava o universo feminino em suas obras. Neste conto, a galinha é apresentada como personagem principal, simbolizando o perfil da mulher sem mérito, sem honra, e sem voz, porém o “pai” é apresentado como antagonista. Segundo Bourneuf e Ouellet (1976), o protagonista é aquele que conduz o jogo da ação a história e o antagonista é aquele que se faz necessário para que haja conflito. toda narrativa se volta questão social delas, no enredo mostra o pai de família como dominador e chefe da casa, e a cozinheira como mãe de família, sendo dominada típico da cultura predominante na época.

É sem dúvida, a família cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantindo pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à igreja marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas à decência, sobretudo em matéria de vestes, e a produzir, do alto da sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. (BOURDIEU, 2011, p. 103).

Nesta perspectiva, é possível interpretar que quando deixaram de matar a galinha, não era porque apresentava algum valor, mas pelo o que produziu, no caso o “ovo” que a livrou, por um certo tempo. No entanto quando passa tal evento acaba sendo sacrificada como se fossem qualquer objeto. Partindo desta visão Clarice Lispector nos provoca a rever os conceitos que se tem em relação à maternidade, todo mérito estava na procriação, que se uma mulher não gerasse filho era tida como inútil, amaldiçoada na cultura tradicional. Pois a ideia que se tinha que todas mulheres nasceram como a finalidade de procriar, e ser mãe. Como fica explícito na citação de Mary a esse respeito.

Ligadas ao homem enquanto filhas, esposas e mães, seu caráter moral pode ser estimado pela maneira como desempenhar esses simples deveres[...]. Elas podem tentar tornar o caminho prazeroso, mas nunca devem esquecer, assim como os homens, que a vida não concede a felicidade capaz de satisfazer uma alma mortal. Não pretendo insinuar que ambos os sexos deveriam se perder em reflexões abstratas ou visões longínquas, a ponto de esquecer os afetos [...] que são, na verdade, os meios designados para produzir os frutos da vida. (MARY 1960, p. 43).

Partindo deste pensamento somos levados a entender que o sexo feminino estava coadunado literalmente ao homem, maternidade e ao lar, para aquelas que arriscava em outros horizontes como trabalhar longe de casa era mal vista na sociedade á tendo como desonesta. Deve-se notar que a ideia do conto não estava em destruir a família ou colocar a mulher como superior ao homem, mas de conscientizar a igualdade em ambos e adaptar as oportunidades, tornando assim justa a todos. Para Simone de Beauvoir (1949), elas precisavam conquistar seu lugar e não receber só aquilo que lhes era oferecido.

A ação das mulheres [por direitos legítimos] nunca passou de uma agitação simbólica, só ganharam o que os homens concordavam em lhes conceder, elas nada tomaram; elas receberam [...]. Recusar a cumplicidade com o

homem seria para elas renunciar a todos as vantagens que a aliança pode conferir-lhes. (BEAUVOIR, 1949, p. 211).

Desta maneira o conto é uma espécie de desabafo literário da artista, pois a personagem principal da história em um dado momento se recusar a morrer e procura se livrar daquela situação, mesmo sabendo que é diferente do galo, todavia, decidiu voar, o “voo” dela remete a ideia de não se torna escrava da situação, é uma forma de dizer que não aceitava aquilo que estava posto sobre seus ombros. Portanto percebe-se que mesmo desajeitada, insistiu em se arriscar, como fica evidente em parte do texto.

Foi, pois, uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha. (LISPECTOR, 1961, p. 32).

Com o desenrolar do conto a galinha vai quebrando as barreiras da sociedade, mas nota-se apesar de esforço produzido por ela, havia um choque tradicional exacerbado, esse empecilho imposto sobre si vinham de uma forte cultura milenar. O parágrafo nos mostra que o voo provocou espanto e surpresa, pois não era de sua natureza quebra as regras, as galinhas aceitavam seu destino como se fosse normal, quando passou a quebrar as regras foi uma surpresa para aquela família, pois o ancião daquele lugar nunca contemplou tal atitude assim, tornando para ele uma surpresa. Para a autora da obra, as mulheres aceitavam seu destino sem hesitar, não o questionava o poque das coisas, quando o faziam eram ignoradas, entretanto quando as mesmas decidiram erguer- si e não mais aceitar tal destino se configurava em uma ação espantosa para a sociedade.

Vale ressaltar também um detalhe importante no momento da fuga, há uma preocupação em capturá-la de imediato, como apresenta o fragmento “a família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé”, aqui fica evidente o incomodo meio social quando iniciaram os primeiros movimentos igualitários femininos. A urgência em barrar estes eventos foram, de imediato, a própria escritora sofreu ferrenhas críticas por adotar em seus livros posicionamento

partidário feminino, nos outros fragmentos, “a perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua”, a erudita demonstra os apertos que passaram para ter sua opinião própria.

Portanto baseado nos fatos mencionados somos levados a acreditar que por meio do conto “uma galinha” da literata Clarice Lispector a mulher do século 27 passado não tinha, direito, nem voz, estava predestinada pela cultura machista ao lar, que a insatisfação das mulheres a esses valores era repudiado pela sociedade, que seu valor elencava apenas a maternidade e o cuidado ao marido como autoridade máxima, também a escritora deixa evidente através de todo enredo que quando o sexo feminino decidiu ir atrás de seus direitos foi considerado uma afronta para a tradição, por esta razão sofreram inúmeras represálias.

4.2. O Perfil feminino no conto “O caçador de borboletas”.

Um dos maiores escritores da contemporaneidade Jose Eduardo Agualusa, tem se destacado devido um estilo peculiar de como aborda o assunto de interesse da sociedade através de suas obras. O conto “o caçador de borboletas” converge e diverge com a realidade. De uma linguagem fácil, sutil, e sucinta, o autor narra a história de um garoto que decide caçar borboletas com os objetos que ganhara no seu presente de natal, no entanto, no meio da caçada se depara com uma bela e audaciosa borboleta que o convence a soltá-la, argumentando que existe para ser livre. Apesar de a literatura ter sido colocada entre as produções infantis juvenis, é inquestionável que este conto faz severas críticas ao perfil feminino arcaico e tradicional, revelando através do texto o empoderamento da mulher nesta geração. Portanto fica evidente em toda narrativa que a mulher do mundo pós-moderno não está atrelada mais as ideologias machistas.

No conto é possível entender que o autor utiliza a figura da borboleta para simbolizar a mulher, não a mulher tradicional pertencente somente a casa, mas aquela que conquistou seu espaço na sociedade, como também a figura do menino e a do pai representando o papel masculino como opressor, desta forma o contista conscientiza a humanidade sobre a importância dos direitos iguais entre homens e mulheres, também que o mundo não tem mais lugar para pensamentos dessa natureza, como é salientado pela revolucionária Kate Millet.

Depois da revolução, foram votadas todas as leis possíveis para libertar o indivíduo das amarras familiares; liberação do casamento e do divórcio, contracepção e aborto autorizado. Sobretudo, mulheres e crianças escaparam do controle econômico do marido. Sob o sistema coletivo, a família começou a se desintegrar a partir das linhas em que foi construída. O sistema patriarcal começou, por assim dizer, a fazer mancha-atras, enquanto a sociedade voltada à comunidade de trabalho democrático que as autoridades socialistas descrevem sob o nome de matriarcado (KATE MILLETT, 1974, p.161)

Como mencionado acima, para conseguir estas façanhas foram muitas revoluções, desde de sua fundadora à revolução francesa até os pequenos manifestos diário. Contudo quem desencadeou o papel feminino foi MaryWollstonecraft no século XVIII na França com sua produção tratou de reivindicações dos direitos das mulheres, depois dela, sugeriram outras.

O escritor angolano desde jovem sempre se posicionou contra todo tipo de opressão e escravidão, em quase todas as suas obras faz questão de valorizar a liberdade e a negritude das mulheres africanas como mulheres guerreiras, destemidas, desta forma é na literatura sua maior arma para combater as agressões que foram enraizadas por anos.

No primeiro parágrafo o literato já pincela uma crítica à figura masculina quando o menino explica que a caixa serve pra prender as borboletas mortas como registra o fragmento “É assim que fazem os colecionadores”, percebe se que neste texto há uma opinião do autor de forma indireta de como era vista as mulheres, apenas como um objeto de conquista.

Poder quase mágico permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças aos efeitos específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado com arbitrário.(BOURDIEU, 1989, p. 14)

Para Bourdieu este poder exercido sobre elas, por meio financeiro ou físico para aprisiona-la, remete uma espécie de prêmio. Sendo assim, Agualusa salienta em sua produção o sofrimento e as angústias vivenciados pelas mulheres antes das reformas constitucionais.

O movimento feminista do século XIX, lançado na convenção dos direitos da mulher de Seneca Falls, 1848, é notavelmente articulado por ElizabethCandyStanton e Susan B. Anthony, exigia o direito de voto é leque de liberdade educação, trabalho, direitos conjugais, patrimoniais e

maternidade voluntária, reforma na saúde e na vestimenta. (FALUDI, 2001, p.67).

Portanto vale destacar que a marca do modernismo social está elencado as libertações e direitos adquirido pelo sexo feminino, pois antes a liberdade delas era apenas uma utopia, pois eram privadas de estudos e do mercado de trabalho, não havia maneira de adentrar a sociedade como alguém de respeito, porém com a revolução industrial alavancada pelo capitalismo e a globalização o mercado de trabalho começou a abrir as portas para a figura feminina, fato esse que representou um grande passo a emancipação feminina, como explica Jaime Pinnsky e Carla Bassnezi em seu livro história da cidadania.

O desenvolvimento industrial e tecnológico e as estatais propiciaram a criação de novos empregos no setor terciários que, aos poucos, foram sendo considerados adequados às mulheres. Cresceu a demanda por trabalho feminino nas áreas burocráticas, no ensino, na saúde, e no comércio, que requeriam pessoas com certo grau de escolaridade, mais que aceitassem baixos salários (PINNSKY e BASSNEZI, 2012, p. 285).

Percebe-se que no decorrer do texto é mencionado que o garoto já havia capturado cinco borboletas, no entanto encontra uma diferente do que estava acostumado, o autor faz questão de apontar adjetivos a ela como “linda” e “luminosa” para deixar claro que esta borboleta era totalmente diversa das anteriores, pois não era apenas bonita como as demais, sua beleza e iluminação o fascinava, com isto, o leitor é levado a entender que a mulher do século XXI é empoderada e iluminada, contrariando os pensamentos ideológicos deixado pela herança cultural, como explica no fragmento da narrativa “Espreitou e viu uma linda borboleta, linda como arco-íris, mas mais ainda colorida e luminosa”. Agualusa não tem o objetivo de menosprezar ou inferiorizar as outras borboletas em seu conto, seu alvo é destacar uma que se sobressai com uma espantosa beleza, com isto é possível entender o valor feminino em várias áreas da comunidade, como elas mesmas declararam em um manifesto da mulher brasileira em 1974.

Nós mulheres brasileiras, neste Ano Internacional da Mulher, assumimos nossa responsabilidade de cidadãs no quadro político nacional. Através da História, provamos o espírito solidário da mulher, fortalecendo as aspirações do amor e justiça. Eis por que, neste Ano Internacional da Mulher, nós nos antecipamos aos destinos da nação, que só cumprirá a sua finalidade de paz, se for concedida a anistia ampla e geral a todos aqueles que forem atingidos pelos atos de exceção (BRASIL 1975, p. 8).

A partir dessas declarações feitas por elas com apoio da ONU (Organização das Nações Unidas) conseguiram se inserir na política sem sofrer represaria, também sua supremacia em eventos comunitário, pois agora não estava atrofiada somente ao lar, com isto inúmeros projetos foram desenvolvidos em prol dos menos favorecidos que para o pesquisador Rubem Fernandes é inegável os movimentos feministas para contribuição da cidadania e urbanização.

Os movimentos sociais urbanos ocorreram sobretudo na esfera do bairro, território no qual a mulher tem amplos poderes. Questões como coleta de lixo, segurança das crianças, creche, escola e alimentação, que foram responsáveis por boa parte das mobilizações do período [anos 1980], estão diretamente ligadas aos interesses e responsabilidade da mulher moradora de um bairro. A ocupação de terra, de terrenos ou prédios combina os elementos da luta aos elementos de esfera doméstica e exigir envolvimento inusitados da mulher. Na verdade, o componente feminino dos movimentos sociais foi dos mais significativos (FERNANDES, 1995, p.37).

Deve ser salientado que essas vitórias foram a custo de sangue e prisões, nota se na continuidade da obra, depois do rapaz admira-la, a prender, levando-os leitores a deduzir que apesar de sua aparência interessante, ele o queria presa. Desta maneira o produtor da obra revela o pensamento machista do homem que mesmo tendo consciência do papel que as mulheres desenvolveram na sociedade, ainda assim, muitos tem preconceito, quando as mesmas exercem cargos elevados tanto no mercado de trabalho como na política, isto ficou explícito no trecho.

Sentiu o que deve sentir em momentos assim todo o caçador: sentiu que o ar lhe faltava, sentiu que as mãos lhe tremiam, sentiu uma espécie de alegria muito grande. Lançou a rede e viu a borboleta soltar-se num voo curto e depois debater-se, já presa, nas malhas de nylon. (AGUALUSA, 2000, p. 21).

De acordo com UIP (União Interparlamentar, 2008), revelou que 49% das entrevistadas- mulheres políticas- terem afirmado que ingressaram na política como resultado de seus interesses no trabalho social e 34% terem ingressado por meio de organizações não-governamentais, diferente do caminho mais “convencional” da política quase exclusivamente partidária, geralmente adotados pelos homens. Isto prova que sempre houve uma militância contra elas.

No diálogo entre o jovem e a borboleta ele argumenta que o inseto lhe pertence pelo fato dele ter aprisionado “— Agora és minha – disse-lhe. — Toda a tua beleza me pertence.”enfazizando o poder social e sua masculinidade, em

contrapartida o animal rebate tal alegações “A beleza das borboletas é para ser vista no ar, entendes? É uma beleza para ser voada. Desta forma rebate a permanência da escravidão. Nesta passagem o escritor leva seus leitores a perceberem que a partir do momento que as pensadoras revolucionaram se opuseram a subordinação e fardo o mundo passou a olha-las de outra forma. Como mostra em partes do diálogo.

— Isso não tem importância. Ouve a minha história. Buda, o tal homem sábio e bom, achou que faltava alegria ao ar. Então colheu uma mão cheia de flores e lançou-as ao vento e disse: “Voem!” E foi assim que surgiram as primeiras borboletas. A beleza das borboletas é para ser vista no ar, entendes? É uma beleza para ser voada. — Não! – disse Vladimir abanando a cabeça. — Eu sou um caçador de borboletas. As borboletas nascem, voam e morrem e se não forem colecionadores como eu, desaparecem para sempre. A borboleta riu-se de novo (um riso calmo, como um regato correndo, não era um riso de troça):— Estás enganado. Há certas coisas que não se podem guardar. Por exemplo, não podes guardar a luz do luar, ou a brisa perfumada de um pomar de macieiras. Não podes guardar as estrelas dentro de uma caixa. No entanto podes colecionar estrelas. Escolhe uma quando a noite chegar. Será tua. Mas deixa-a guardada na noite. É ali o lugar dela. (AGUALUSA,2000, p.02).

Na conversa entre ambos está claro que a borboleta articula seu espaço e direito de liberdade, que agora se sente afrontada com a ideia de ser aprisionada, pois reconhece sua relevância e sua identidade. Assim como a borboleta contrapõe o menino, a mulher contemporânea vai exigir seu lugar em âmbito político:

Art. 10. Cada partido ou coligação poderá registrar candidatos para a Câmara dos Deputados, a Câmara Legislativa, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais no total de até 150% (cento e cinquenta por cento) do número de lugares a preencher, salvo: (Redação dada pela Lei nº 13.165, de 2015)

§ 3º Do número de vagas resultante das regras previstas neste artigo, cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% (trinta por cento) e o máximo de 70% (setenta por cento) para candidaturas de cada sexo. (BRASIL, 1997).

Portanto, sua participação na política é relevante para mudanças na sociedade e no alicerce democrático, sem elas não existe democracia, através de sua representação os direitos constitucionais são atingidos. Nesta perspectiva vale ressaltar que não bastava somente ir às urnas para escolher quem lhe representava, mas também exercer decisões parlamentares como representante do povo. Hoje observa-se que esse aumento de agregação em cargos elevados tanto na área da política, como em empresas multinacionais e internacionais se dá pela sua competência e determinação.

Dentro da interlocução dos personagens dá para identificar que o caçador começa a aceitar o ponto de vista do animal quando o narrador expressa esta parte “Vladimir começava a achar que ela tinha razão”. Neste trecho, o literato de forma indireta elucida que a sociedade atual está se conscientizando sobre a importância do respeito, e que as decisões tomadas pelo sexo feminino, sejam quais forem essas convicções, tanto, filosóficas, religiosas, psicológicas ou biológicas deve ser prezada. No Brasil o estado laico, e dentro da constituição ninguém pode ser desrespeitado ou ignorado por expressar opiniões diferentes como garante a constituição de 1988.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; (BRASIL, 1988).

Portanto, na continuidade do diálogo fica explícito que, mesmo o garoto sabendo que ela não foi criada para estar em cativeiro, ainda sim, queria a tê-la como mostra em sua pergunta”:—Se eu te libertar agora – perguntou – tu serás minha?”. Com essa indagação feito por ele é notável que o erudito quer nos revelar por meio do enredo que ainda há lugares no mundo onde não se aceita a liberdade plena das mulheres, como por exemplo; nos países onde a predominância religiosa é o islamismo.

Na penúltima conversa do conto Agualusa deixa transparecer que o jogo virou, agora a borboleta é quem coleciona os caçadores, “— Já sou tua – disse – e tu já és meu. Sabes? Eu coleciono caçadores de borboletas.”. Aqui fica compreensível pensar que na visão do autor, o sexo feminino está predominando de forma sorrateira na sociedade modernista.

Diante disso vale destacar, que antes elas não tinha direito a educação, a opinar nas decisões do país, ou até mesmo expor seus pensamento ideológicos, agora nesse século muitas ingressaram na carreira política chegando ao cargo de maior escalão de um país, como é o caso da senhora Dilma Rousseff que foi a presidenta no Brasil entre 2010 a 2016, a Michelle Bachelet no Chile partir 2013, e também a Cristina Kirchner na Argentina em 2003 a 2007, como inúmeras outras que

desempenham função de primeira ministra em países renomados. Não somente nos ofícios estadista que se mostraram eficiente, mas também no ramo literário como o caso da estimada escritora Clarice Lispector, Raquel de Queiros, Cecilia Meireles, Florbela Espanca, JojoMoyes, entres outras, na ciência temos grande nomes como: Bertha Lutz, Virginia Apgar, Katharina Johnson, Chien-Shiung Wu, elas alicerçaram seu lugar em todos os âmbitos sociais.

Assim, é importante que as mulheres e as perspectivas feministas circulem entre os poderes do Estado e os poderes da sociedade civil organizada, inclusive contribuindo para reestruturação do mesmo, com a superação de posturas e mecanismos autoritários. Os núcleos de mulheres de partidos políticos podem contribuir substantivamente, promovendo lideranças feministas e difundindo suas perspectivas; realizando reflexões em âmbito do Estado e da sociedade civil; e participando e mediando diálogos, negociações e encontros entres diversos campos e sujeitos políticos com vistas à construção de uma sociedade democrática e justa (RODRIGUES, 2001, p. 37).

A presença femininas mais diversas funções sociais, reflete preparo intelectual e profissional de uma sociedade que preza pela igualdade e equidade nas relações entre seus sujeitos. Portanto não resta dúvida quanto a sua autonomia no mercado financeiro e na sua capacidade de se adaptar e reinventar ao meio que vive, mais do que isso, deve lembra-se sua atuação em defesa das menos favorecidas que sofrem violências domésticas, estupros, e outros males. Foi através de sua perseverança e audácia que várias leis foram criadas para sua proteção como é caso da “Lei Maria da Penha” no Brasil com finalidade de punir com mais veemência seus agressores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se salientar quanto a representação do papel feminino dentro dos contos “uma galinha” da escritora modernista Clarice Lispector e o “caçador de borboletas” do historiador angolano José Eduardo Agualusa. É importante elencar que ambas as obras tratam da conduta da mulher na sociedade, embora as narrativas tenha muitas coisas em comum como, por exemplo: caçador, perseguição,

busca pela liberdade, identidade própria, entres outros elementos que as aproximam entre-se, há no entanto, alguns elementos divergentes. No conto “uma galinha” o personagem principal é retratado como um ser depressível, frágil, ingênua, dominada, presa, predestinada ao lar sem perspectiva de vida apenas com valor em época da maternidade e sem voz. , em contrapartida o contista africano em sua produção “o caçador de borboleta” apresenta sua personagem com um perfil completamente diferente da autora brasileira, em sua história a protagonista no caso a borboleta é vista como bela, inteligente, iluminada e que não aceita ser aprisionada, fazendo referência à mulher do século XXI, determinada e empoderada e que luta pelos seus direitos.

Portanto com base nos estudos mencionados ao longo deste trabalho, nota-se a imensa diferença do tratamento dado à mulher ao longo dos anos em praticamente todas as sociedades. Mostra-se também que durante esse espaço entre a cultural tradicional e arcaica até a era moderna elas sofreram grandes injustiças, preconceitos, discriminações, torturas, tiveram grandes conflitos, foram obrigados a lutar e a se reinventar para conseguir seu lugar em um mundo predominado de pensamentos machistas. Conforme foi relatado nas produções dos críticos, as opressões culturais deixadas de herança histórica de nossa sociedade, que o homem é superior a mulher e nasceu para dominar, este pensamento ideológico fez com que as mesmas criassem movimentos feministas em prol de sua identidade, foram as ruas exigir os mesmos direitos dos homens.

Ao concluir o presente trabalho somos levados a acreditar que antes a sociedade escravizava o sexo feminino em uma espécie de dominação simbólica amparando-se em aspectos históricos, culturais e religiosos, onde elas não tinham oportunidades de frequentar escolas, nem de falar algo, mesmo as mais nobres eram proibidas desses privilégios, por estas e outras razões decidiram se rebelar ao tradicional e vulgar. Com isto passaram lutar por seus direitos e liberdade de expressão. Assim sendo, começaram a inserir-se em camadas da sociedade que, até então, eram exclusividade aos homens: política, no mercado de trabalho, no mundo artístico, chegando a serem nomeadas e eleitas a cargos elevados.

Vale ressaltar que as conquistas dos movimentos feministas não aconteceram da noite para o dia, ao contrário, foram fruto de muitas lutas e reivindicações no sentido de denunciar os abusos sofridos pelas mulheres ao longo do tempo e de

afirmar o potencial de contribuição às sociedades das quais fazem parte para além do apenas ser uma dona de casa.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Estranhões e Bizarros**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

ALBUQUERQUE, Marleide Lins Coletânea: **Identidade e diversidade Cultural**. Teresina. Edições Avant Garde/ FUNDAC. 2011.

ALBUQUERQUE, Paulo Germano de **Mulheres Clariceanas: Imagens amorosas**. Rio de Janeiro. RelumeDumara, Fortaleza-CE. Secretaria da cultura e Desporte. 2002

ÁVILA, Maria Betânia et al. (2001). **Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade**. Recife: SOS Corpo, 2001.

BASTOS, Marcia. Clarice **Clareia-leitor de si mesmo em Clarice Lispector**. Recife: Bagaço. 2008).

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1949] 1980, p 9.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução á Analise do Discurso**. 3ª ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livrarias Duas Cidades, 1970.

CHIAPPINI, Ligia. **Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar**, literatura e sociedade. n.1, São Paulo: USP/FFLCH, 1996, p. 75.

ENGELS, F. (1974). **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1974.

FALUDI, Susan. Bachlash: **O contra ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GOTLIB, Nádia B. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (T. T DA Silva & G L. Louro, Trads.). Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

LINS, Álvaro. **Os mortos de sobrecasaca**: ensaios e estudos (1940-1960). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

LISPECTOR, Clarice. **A legião e estrangeira**. São Paulo: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. São Paulo: Rocco, 1998.

LOBO, E. O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho'. In: Costa, A.&Bruschini, C. (Eds.) **Uma questão de gênero** (pp.252-265). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MILLET, K. **Sexual politics**. New York: Doubleday&Company., 1970.

MINAYO, Cecília Sousa. **Teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes. Petrópolis, 2010.

MOSER, Benjamim. **Uma biografia de Clarice Lispector**. Escala Educacional. São Paulo, nº 32, 2010.

NEY, Andreia. **Teoria feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Record, Rosas dos Ventos, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos das histórias. Operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESTANA, Nelson. A história na história em Angola: Henrique Abranches e Jose Eduardo Agualusa. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença. As literaturas Africanas de língua Portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006, p.232.

PINSKY, Jaime. **100 textos de história antiga**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

RAMALHO, Maria Lourdes Nunes. **Charivari- Texto Teatral em Cordel**. Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2002.

ROCHA COUTINHO, Maria Lucia, **Tecendo por traz dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, Almira. **Lugar da mulher é na política: um desafio para o século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

ROSENBAUM, Yudith. **CLARICE LISPECTOR**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SALGADO, Maria Tereza. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Org. **África e Brasil: Letras em Laços**. São Caitano do Sul: Yendis, 2006.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicações dos direitos da mulher**. Trad: Ivania Pocinho Motta. 1ª edição. São Paulo: Boi-tempo, 2016.